

OS PROJECTOS DO ARQUITECTO JOAQUIM DE OLIVEIRA PARA AS BIBLIOTECAS-MUSEU DE FREI MANUEL DO CENÁCULO

JOAQUIM OLIVEIRA CAETANO
Museu Nacional de Arte Antiga

¹ No seu conjunto esta documentação permanece inédita. Já tinham sido no entanto referenciados por Gabriel Pereira, *Cartas Geographicas e Topographicas*, gravadas ou Manuscriptas conservadas na Bibliotheca Pública de Évora, s.l. 1880, e por nós (Caetano, 2005). Recentemente tiveram uma primeira análise em Rodrigues, 2008:p. 70 e segs.

Duas dezenas de desenhos existentes na Biblioteca de Évora dizem respeito a projectos realizados pelo arquitecto Joaquim de Oliveira para Frei Manuel do Cenáculo. Concretamente, para institutos científicos que Cenáculo pretendeu criar em Beja e Évora, cidades de que foi respectiva e sucessivamente Bispo e Arcebispo e para onde projectou Bibliotecas e Museus, acabando no entanto por concretizar realizações bem mais modestas do que os projectos que agora revelamos deixam ver que terá sonhado. Mas representam, como veremos, documentos importantíssimos quer no contexto da história dos Museus em Portugal, quer na clarificação do papel de Cenáculo nessa história¹.

Frei Manuel do Cenáculo foi um dos vultos da cultura portuguesa do século XVIII que mais contribuiu para o nascimento de instituições públicas do saber, sendo mesmo esta uma das principais características da sua actuação. Esteve na génese de algumas das principais bibliotecas portuguesas, como a do Convento de Jesus/Academia das Ciências, Biblioteca Nacional e Biblioteca Pública de Évora e fundou em Beja, em 1791, o primeiro museu público português, o Museu Sesinando Cenáculo Pecence. Se quisermos sintetizar os aspectos essenciais da sua actuação cultural podemos dizer que a noção profunda da necessidade de reforma dos estudos, tendo como base a dotação de instrumentos de conhecimento como as bibliotecas, e a noção profunda da necessidade de compreensão e estudo da cultura material são dois aspectos centrais do seu pensamento e da sua prática (Caeiro, 1959 e Calafate, 1994). Esta consciência, que o levará a coleccionar e a disponibilizar ao público as suas colecções, pode ser encontrada no momento essencial de viragem em que decorreram os primeiros anos da sua apren-

dizagem. Cenáculo nasceu em 1724, em Lisboa, de família humilde, tendo optado muito cedo, talvez pelas modestas posses familiares, pela entrada na Religião. Aos 12 anos frequentou na Congregação do Oratório, em Lisboa, o curso de Filosofia do Padre Baptista Carbone. Aos 15 anos passou porém para os Franciscanos da Ordem Terceira da Penitência, rumando a Coimbra, em 1740, para lições com Frei Joaquim de S. José, que sempre considerará o seu grande mestre e a quem o unirá até ao fim da vida um profundo respeito e amizade. O próprio Cenáculo considerou que foi o seu mestre quem em Portugal iniciou a reforma da filosofia: “desde o ano de quarenta deu entrada a mil e mil faíscas, que unidas, haviam de ser depois luz radiosa”. A formação de Cenáculo e a sua intensa curiosidade pelo conhecimento beneficiaram desse momento de efervescência na educação portuguesa, anquilosada por séculos de escolástica, que teria o seu auge em 1746 com a publicação do *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luis António Verney. Mas o interesse de Cenáculo pela investigação histórica e pelo colecionismo, beneficiou também de um momento privilegiado em Portugal no reinado de D. João V, com o próprio exemplo régio, a formação da Real Academia de História, o decreto de 1721 que pela primeira vez define um conceito de património histórico e sublinha o valor dos monumentos e do património material no estudo do passado. Um momento essencial da formação do franciscano foi a viagem que juntamente com o seu mestre fez a Roma no ano de 1750, e da qual deixou um diário manuscrito (Biblioteca Pública de Évora, doravante BPE, CV/1-10). Do Diário ressalta o impacto causado pela Biblioteca Real de Madrid e pela Universidade de Alcalá, em Espanha, a Universidade de Turim e o Instituto Specula de Bolonha, sediado no Palazzo Poggi, que lhe deixa uma viva impressão, não só pelo avanço científico no estudo da astronomia e das matemáticas, como pela organização espacial das salas abertas para o claustro, divididas por áreas de saber, agrupando, cada uma, modelos, objectos e colecções do seu tema de estudo, para além de uma biblioteca. Cenáculo visitou ainda Barcelona, Milão, e Roma, que afirma no seu Diário não ter palavras para descrever, gaba a arquitectura de Itália, mas é esse modelo de Bolonha, reunindo os objectos à Biblioteca que se tornará decisivo na sua acção e lhe marcará a perspectiva de colecionador.

A actividade da Academia de Bolonha já devia aliás ser conhecida anteriormente por Cenáculo, pois coube ao seu primeiro mestre João Baptista Carbone a resposta a um pedido da Academia Bolonhesa a D. João V para o envio de “curiosidades naturais” de Portugal para o enriquecimento dessa instituição (Brigola, 2003, p. 76) criada “per l’uso pubblico di tutta terra”, um princípio que se verá bem vincado na futura actuação do Arcebispo e nos fins que procurará dar às suas bibliotecas e colecções.

Embora não se saiba exactamente quando Cenáculo começou a coleccionar é certo que já nos anos de Lisboa, onde regressa em 1757, quando é nomeado Cronista da Província Franciscana, depois dos anos passados em Coimbra como lente de Teologia no Colégio de S. Pedro, possuía uma razoável colecção e um gosto em reunir informações de carácter arqueológico. Fr. Francisco Sanches Sobrinho refere-se à sua colecção lisboeta, que incluía já uma série de inscrições e um importantíssimo monetário catalogado (Hubner, 1871, p.6).

A vinda para Lisboa correspondeu ao período de maior intervenção de Cenáculo na esfera pública, sustentada pelo apoio de Pombal, um suporte que se estreitará sobretudo na década de 1760, acentuando-se depois do Ministro de D. José ter aceite a dedicatória das “Memórias Históricas do Ministério do Púlpito”, terminadas por Cenáculo em 1766. Nos anos “lisboetas” Cenáculo acumulou um grande número de cargos religiosos e políticos: Cronista da Ordem Terceira em 1757, Inspector das Igrejas das Ordens Militares, em 1758, Capelão mor das Armadas, em 1764, Provincial dos Terceiros, em 1768, confessor do Príncipe D. José no mesmo ano, que o verá ainda nomeado para Capelão Régio e Deputado da Real Mesa Censória, cuja presidência ocupou em 1771. Já um ano antes D. José o propusera para Bispo da recuperada Diocese de Beja, e o nomeara preceptor do Príncipe do Brasil. Ainda em 1770 ocupou o cargo de Primeiro Conselheiro da Junta da Providência Literária (veja-se sobretudo Marcadê, 1978: pp. 51-80). A Junta, recém criada, estava ocupada na reforma do ensino e foi um dos principais projectos de Pombal. Já antes porém a Real Mesa Censória, que Cenáculo dirigia, tinha a supervisão da reforma do Colégio dos Nobres, o que torna assim Cenáculo, no início da década de 1770, a figura central na reforma do ensino em Portugal. É esse o momento em que tem condições para tentar levar à prática, sobretudo depois da criação da Junta do Subsídio Literário (em 10 de novembro de 1772) que deveria fornecer as bases financeiras para a reforma dos estudos, através do imposto sobre as bebidas alcoólicas, as suas ideias de criação de Bibliotecas e Museus. É no seu âmbito que Cenáculo projectará a Biblioteca da Real Mesa Censória, que deveria ocupar o lado Ocidental da Praça do Comércio. Não conhecemos os planos para esta biblioteca, mas em 1773, a 4 de Julho, Cenáculo entregou ao arquitecto Reynaldo Manuel dos Santos, uma memória do que deveria ser o edifício, “huma casa vasta, bem proporcionada, majestosa, capaz de muitos mil volumes”, com um átrio “indispensável para Ornato, e pela decência”, gabinetes e salas de leitura, oficinas e casas para mapas e globos, raridades e manuscritos, e também galerias para monetários, estampas, desenhos e pinturas “principalmente dos sujeitos Mestres, o que He ornato essencial de uma biblioteca” (ANTT, Ministério do Reino, Lº 362, fl. 113vº 114. Domingos, 1992:148).

Como dissemos, desde que em 1750 fez com o seu mentor uma visita a Roma passando por várias bibliotecas em Espanha e Itália se formou no espírito de Cenáculo a importância da criação de um estabelecimento científico que unisse uma biblioteca e um Museu. Esta ideia transparece logo no seu diário de viagem e tem expressão por várias vezes na sua obra e nos escritos dos seus colaboradores mais próximos. Por exemplo, no plano de Reforma dos Estudos Menores e seu financiamento pelo Subsídio Literário, que propõe em 1773, sugere como Primeira Aplicação a “compra sucessiva e inextinguível de livros para a Biblioteca Pública ... para se formar não somente uma das primeiras Bibliotecas da Europa, mas também que seja decorada de preciosos manuscritos e dos livros mais raros e escolhidos”. A segunda aplicação seria “a composição de um Museu de Raridades para o que dão hoje exemplos, e estímulos de Sciencias e de paixão as Nações cultas, mas que brevemente hajam de receber os mesmos e mais

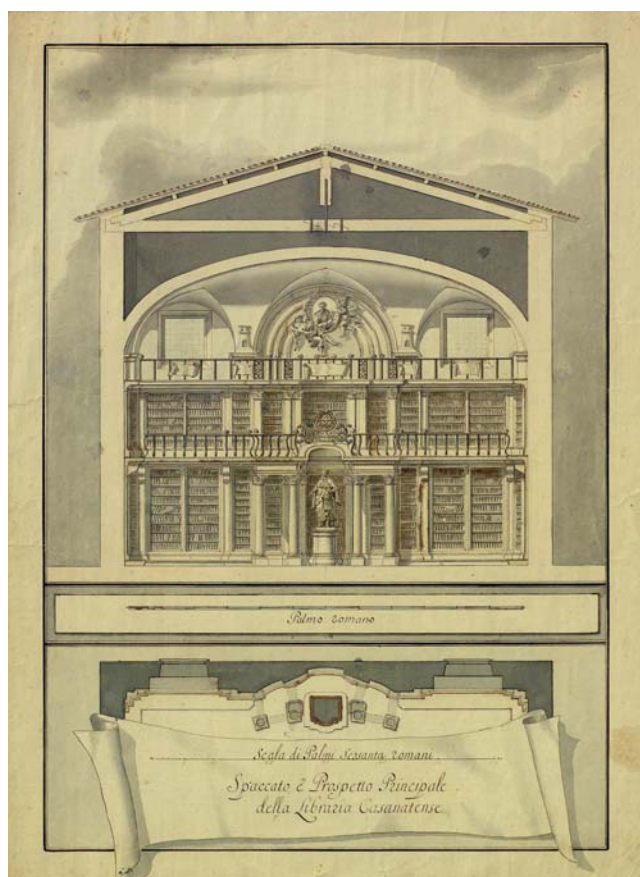


FIG. 1 - Tommaso Zappati, Topo da Biblioteca Casanatense, Roma, 1773, 50,2 x 36,7 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 36).

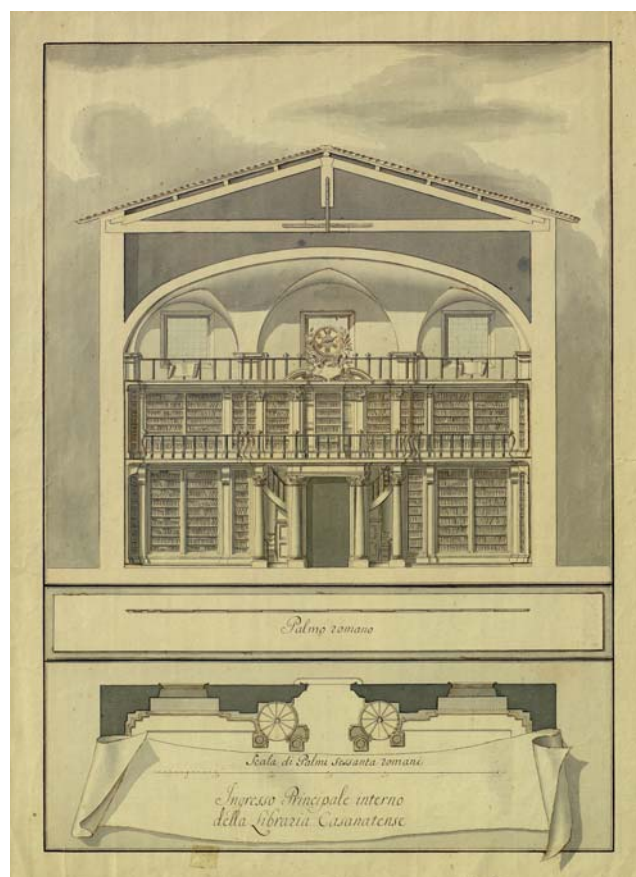


FIG. 2 - Tommaso Zappati, Outro topo da Biblioteca Casanatense, Roma, 1773, 50,4 x 36,8 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 34).

significantes exemplos desta Capital”. O projecto de Cenáculo incluía assim no conceito de biblioteca o de museu, com a apresentação pública de raridades e colecções de arte. Ou seja, propõe não só a criação de uma biblioteca central, mas também a de um Museu Nacional, ideia que demorará mais de um século a cumprir-se.

O conjunto de desenhos da Biblioteca Pública de Évora inclui alguns planos de bibliotecas e academias, sendo muito relevantes, quer pela sua qualidade, quer pela data de 1773, coincidente com a apresentação do seu projecto a Reynaldo Manuel dos Santos, os três desenhos do interior da Biblioteca Casanatense de Roma (FIG. 1,2 e 3). São três belos e grandes desenhos aguados a cinza, que representam os topos e um corte transversal do interior desta biblioteca, inaugurada no início do século XVIII. O corte está datado de 1773 e assinado por “Tomaso Zappati Nipote di N. Pagliarini”. Nicolau Pagliarini era amigo de Cenáculo e o principal dos seus fornecedores. Homem profundamente ligado a Pombal foi desde 1768 “encarregado da custódia e arrumação das livrarias do Paço e do Real Colegio dos Nobres” e director geral da Impressão Régia, para além de fornecedor principal da Real Biblioteca Pública. Regressou a Roma depois da queda de Pombal. A sua cumplicidade com Cenáculo é atestada numa

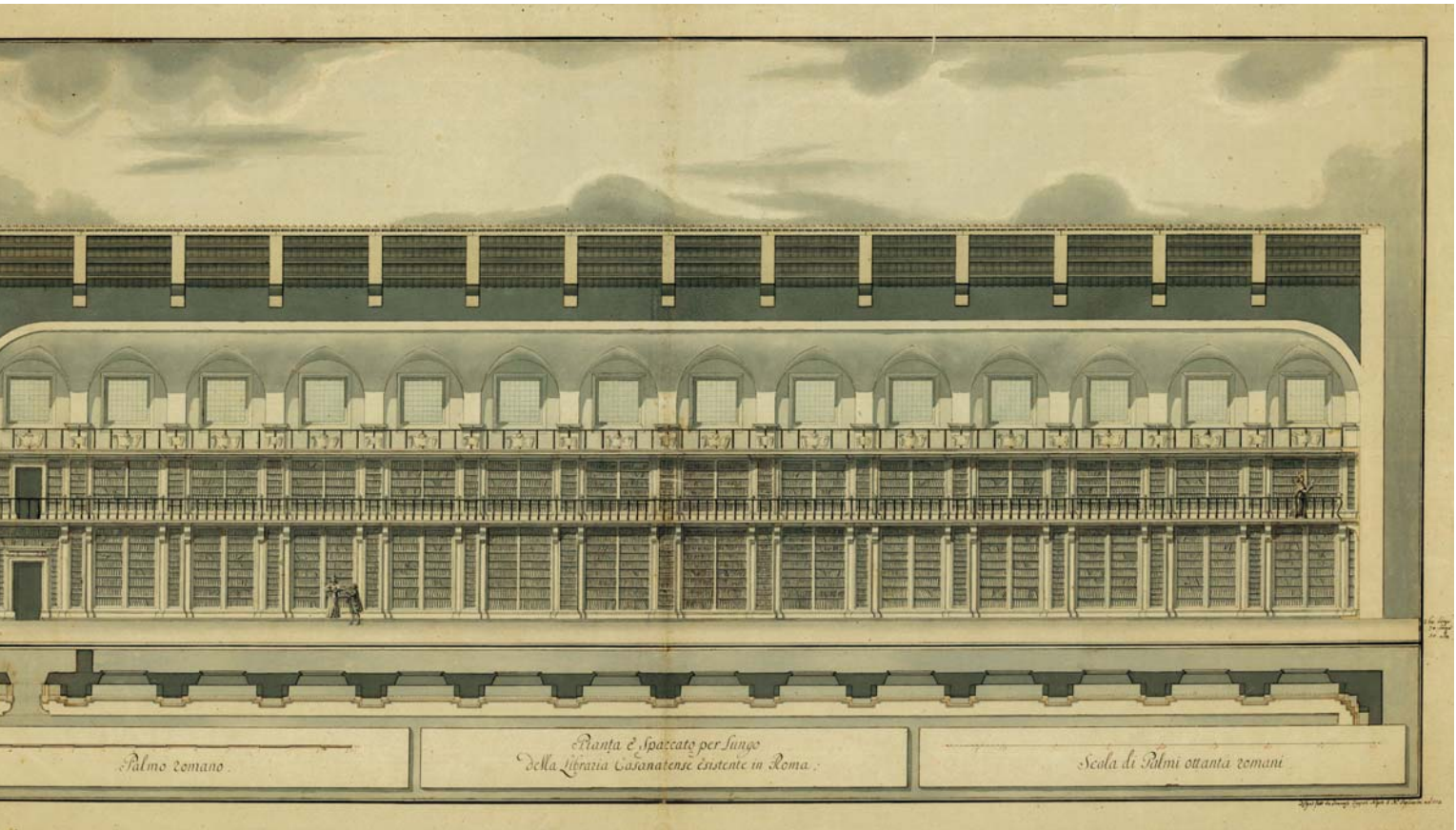


FIG. 3 - Tommaso Zappati, Corte longitudinal da Biblioteca Casanatense, Roma, 1773, 50,1 x 95 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 32).

² Uma visão muito interessante da importância da investigação arqueológica e do restauro de monumentos clássicos em Roma neste período está em Ridley 1992, com referências concretas à actividade de Zappati a pag. 36-37.

intensa correspondência de dezenas de cartas (Gusmão, 1944-56 e Vaz, 2009). Não é possível no entanto identificar com segurança este Tomaso, sobrinho de Pagliarini, com o seu sobrinho do mesmo nome que continua o papel de agente do tio como comprador de livros para Cenáculo. Numa carta datada de Roma, de 11 de Novembro de 1789, Nicolau diz que o seu sobrinho “Thomaz continua estudando português para poder servir Cenáculo” (Gusmão, 1944-56, carta 4332), mas é difícil saber se se trata do arquitecto ou do futuro agente, ou até se são a mesma pessoa. Tommaso Zappati, que assina os três belos desenhos do interior da biblioteca Casanatense, aparece ligado sobretudo a obras de restauro e antiquariato. Deveu-se-lhe a desobstrução dos arcos de Severo e Constantino e fez projectos para salvaguarda do Coliseu, para além do monumento efémero em honra do Papa Pio VII, conhecido como “Il Triunfo di Constanza”, do qual existe uma gravura de Bartolomeo Pinelli. Segundo Missiri era “arquitecto engenhoso e pleno de fantasia” (Missiri, 1823: 427) e trabalhou sobretudo no período em que António Canova era Inspector Geral das Belas Artes de Roma e do Estado Pontifício e em que foram efectuadas importantes obras nos monumentos da Antiguidade de Roma (Jokilehto, 1999:126-143)².

O atraso nas obras da Praça do Comércio, com o privilégio dado à instalação e inauguração da Estátua Equestre de D. José, ditaram a demora e o abandono do projecto da Biblioteca, da qual não conhecemos nenhum estudo de Reynaldo Manuel dos Santos, mas pela mesma altura Cenáculo envolveu-se noutra biblioteca, a do Convento de Jesus, convento onde havia professado e ao qual estava profundamente ligado, até pelo cargo de ocupou entre 1768 e 1777 de Provincial da Terceira Ordem Franciscana. As suas preocupações com a reconstrução do edifício envolvem aspectos de salubridade, iluminação, mas também de ensino dos noviços e do papel nesse ensino da biblioteca, reforçada com espólio de colégios jesuíticos extintos (Vaz, 2004 e BPE, cod. CXXVIII/2-5). O próprio Cenáculo doa cerca de 3000 livros para o enriquecimento desta biblioteca mas está igualmente interessado na reconstrução da Igreja das Mercês, cujas obras se prolongaram por mais tempo do que normalmente é dito (França, 1987:190-91 e Rossa, 1989), pois em várias cartas trocadas com o seu amigo e condiscípulo D. Fr. João Evangelista Pereira da Silva, Bispo do Pará, vai dando conta do adiantamento da obra do adro e do frontispício da igreja, até à sua finalização em 1777 (Gusmão, 1944-56: carta 890). José-Augusto França considerou justamente as Mercês como a “a mais bela fachada das igrejas de Lisboa: movimentada, alegre, um pouco pretensiosa, mas de uma nobreza segura” e a sua autoria tradicional ao arquitecto Joaquim de Oliveira está hoje documentalmente provada³, o que tem para nós a maior das importâncias, pois é este arquitecto que veremos sistematicamente ajudar Cenáculo nos seus projectos futuros em Beja e Évora. Joaquim de Oliveira tinha relações de parentesco com Cenáculo e o termo “primo” aparece várias vezes referido na correspondência entre ambos. Conhecem-se seis cartas de Joaquim de Oliveira para Cenáculo entre 1776 e 1785 (Gusmão, 1944-56: cartas 2453 a 2458) e várias referências ao arquitecto em correspondência para outros interlocutores (cf. Vaz, 2009).

O percurso de Joaquim de Oliveira, cuja competência artística é bem expressa na Igreja das Mercês, está mal estudado, ainda que se conheçam bastantes passos da sua actividade, sobretudo pelo currículo de Obras Públicas, que a sua viúva, Maria Wargart, insere num pedido feito após a morte do marido, em 1803, para que fosse socorrida da difícil situação económica em que se encontrava. Foi arquitecto da Casa do Risco da Junta do Comércio, medidor e arquitecto das Obras dos Paços Reais, arquitecto das obras do Conselho da Fazenda e arquitecto do Senado de Lisboa. Entre as obras nomeia-se o trabalho de 50 anos em obras de faróis, a autoria do Quartel da Cruz do Tabuado, da reedificação do Convento de Palmela e ainda projectos para o Convento de São Bento e para o Palácio da Ajuda (Viterbo, 1904). Joaquim de Oliveira teve certamente a protecção de Cenáculo que, por parentesco, amizade e colaboração se interessou amiudadamente pela sua carreira. Numa carta a Mayno de 18 de Julho de 1778, agradece-lhe o despacho que concedera ao arquitecto e queixa-se de não ter sido feita justiça a Joaquim de Oliveira “na dependência de arquitecto” (Vaz, 2009:102).

Cenáculo foi nomeado para Bispo de Beja, uma diocese interrompida desde o período Visigótico, no auge da carreira e do seu peso na vida portuguesa, em 1770, e sagrado

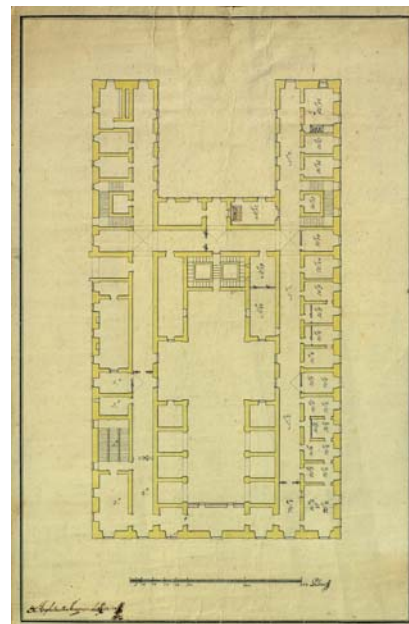


FIG. 4 - Joaquim de Oliveira, Planta do antigo colégio jesuítico de S. Sesinando, de Beja, 1774, 44,8 x 29,8 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 56).

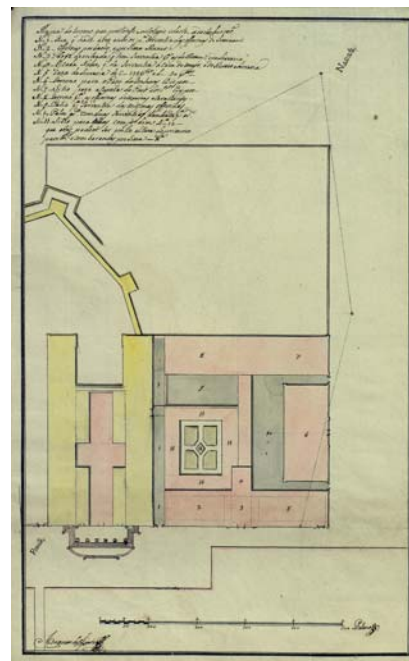


FIG. 5 - Joaquim de Oliveira, Planta do conjunto de edifícios projectado para Frei Manuel do Cenáculo, incluindo Catedral, Seminário, Jardim, Paço Episcopal, Capela, Cocheiras, Biblioteca e Museu, 42,1x26,8 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 16).

³ Agradecemos a Sandra Costa Saldanha esta informação, baseada em documentação inédita que em breve será dada a conhecer pela historiadora.

na Real Capela da Ajuda em 28 de Outubro desse ano, mas só três anos depois entrou pela primeira vez na cidade, regressando de novo à corte, até que em 1777, após a morte de D. José, o afastamento do Marquês de Pombal e o início do adverso reinado de D. Maria I, o Bispo decidiu, por vontade própria ou pela força das circunstâncias, ausentar-se da corte e fixar-se em Beja. Não sabemos se Oliveira acompanhou o novo bispo na sua primeira visita à diocese, mas a ideia de Cenáculo para a ocupação do colégio jesuítico nasceu dessa visita a Beja, pois a “Memória” que acompanha o levantamento de Joaquim de Oliveira data de 4 de Julho de 1774. O Colégio havia sido começado no final do século XVII, depois de várias tentativas dos Jesuítas e uma forte oposição dos Franciscanos que tinham obtido privilégios no estabelecimento na cidade. Em 1673, acabada a Igreja de S. Sesinando instalou-se nela um grupo de Jesuítas que tinha vindo pregar na cidade três anos antes. Esta ocupação foi confirmada por D. Pedro II em 22 de Março de 1687, mas só em 12 de

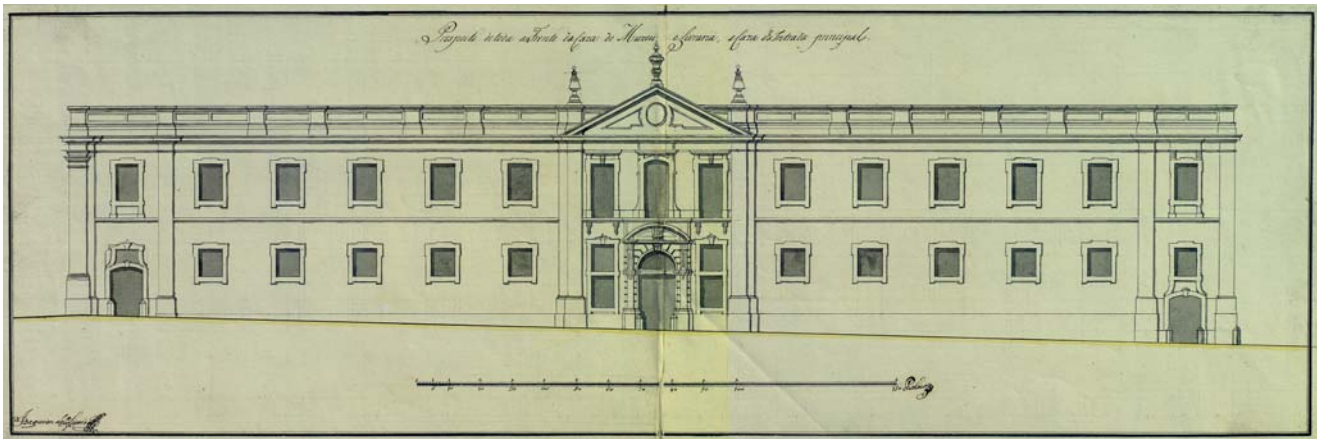


FIG. 6 - Joaquim de Oliveira, Projecto de fachada para a Biblioteca e Museu de Frei Manuel do Cenáculo em Beja, 26,8 x 78,8 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta 1, nº 51).

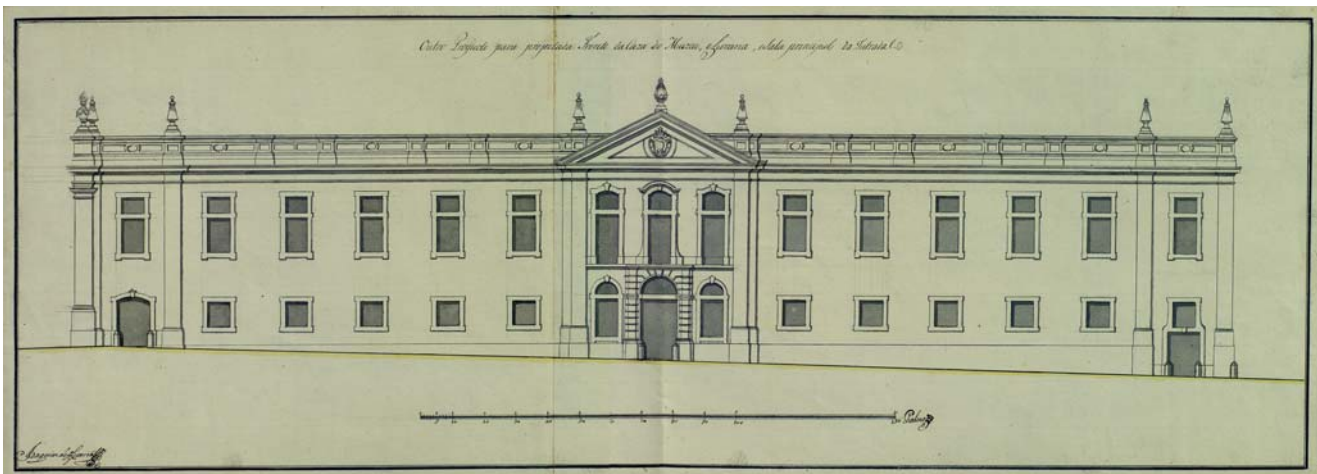


FIG. 7 - Joaquim de Oliveira, Projecto alternativo de fachada para a Biblioteca e Museu de Frei Manuel do Cenáculo em Beja, 26,8 x 78,8 cm (BPE, reservados, Gaveta 8, Pasta 1, nº 37).

Março de 1695, depois de um voto da rainha Dona Maria Sofia, foi lançada a primeira pedra do novo colégio, um edifício grandioso, semelhante ao eborense, dedicado a S. Francisco Xavier. Apesar da grandeza do projecto, a Igreja principal nunca chegou a ser construída (veja-se, Mss. 213, nº 25 dos Reservados da Biblioteca Nacional). Cenáculo começaria mais tarde a reelaboração da igreja para Catedral, mas nesta primeira fase, como se percebe do projecto arquitectónico, interessava-lhe sobretudo a transformação do edifício em Seminário. A planta (FIG. 4) mostra, para além de uma livraria na parte norte, com gabinete e salas para o Provisor, e de uma capela no topo nascente, uma ocupação de toda a ala sul com salas de aula, acomodações dos professores e zonas utilitárias para cozinhas, quartos de criados, etc. Mais interessante é a planta de implantação (FIG. 5), onde se vê como o antigo edifício da Companhia

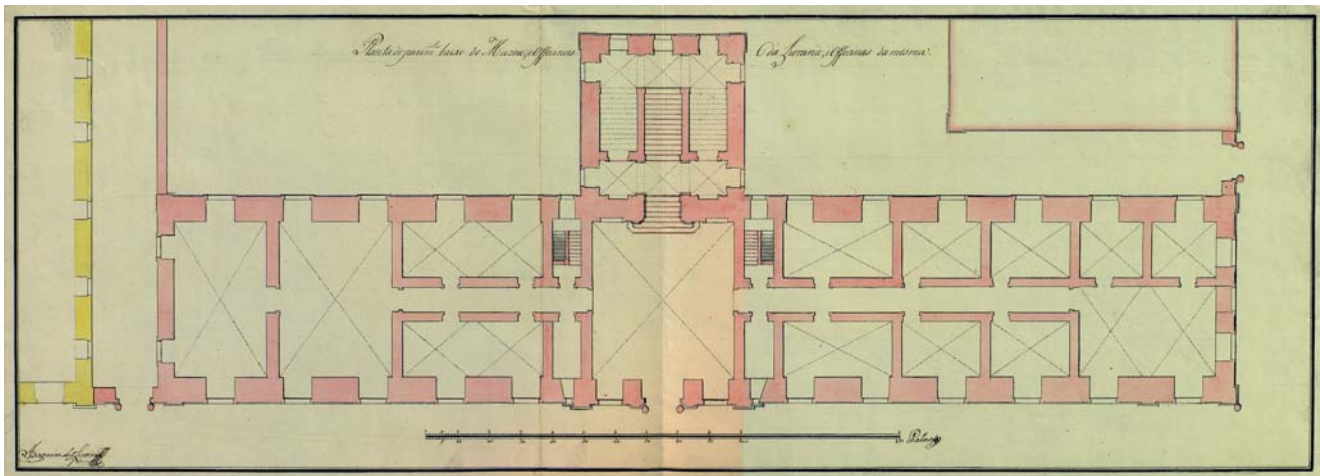


FIG. 8 - Joaquim de Oliveira, Planta do piso térreo da Biblioteca e Museu de Frei Manuel do Cenáculo em Beja, 28,9x80,2 cm (BPE, reservados, Gav.8, Pasta I, nº 53).

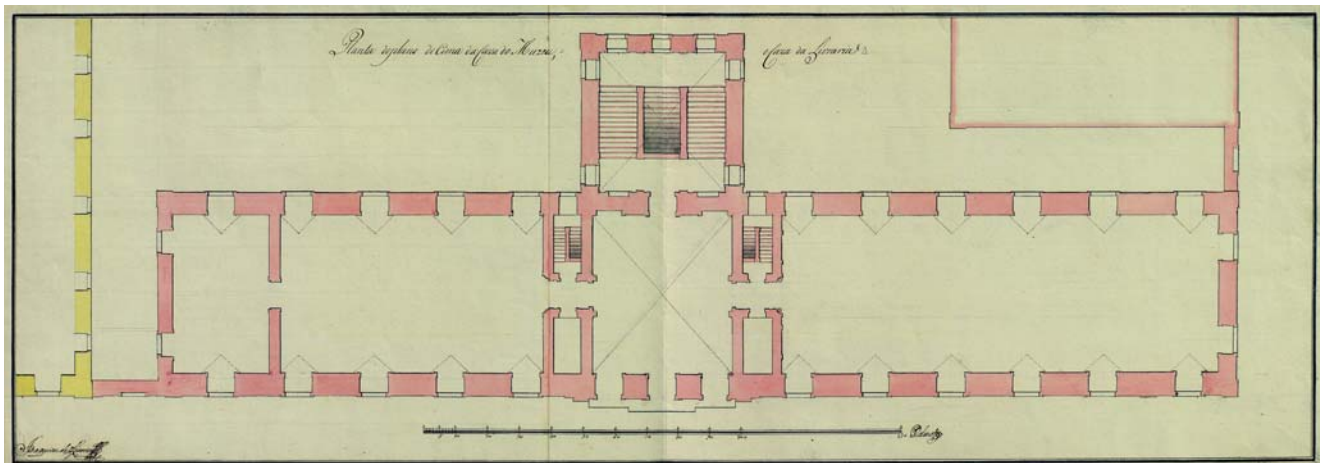


FIG. 9 - Joaquim de Oliveira, Planta do piso nobre da Biblioteca e Museu de Frei Manuel do Cenáculo em Beja, 28,5x 82 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 43).

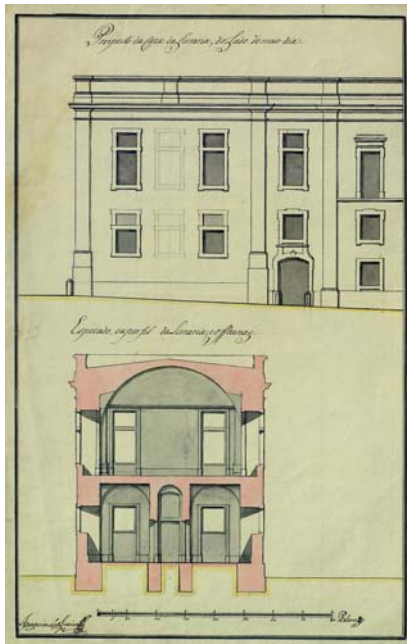


FIG. 10 - Joaquim de Oliveira, fachada sul e corte transversal (E-W) da Biblioteca e Museu de Frei Manuel do Cenáculo em Beja, 41,9x27 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 28).

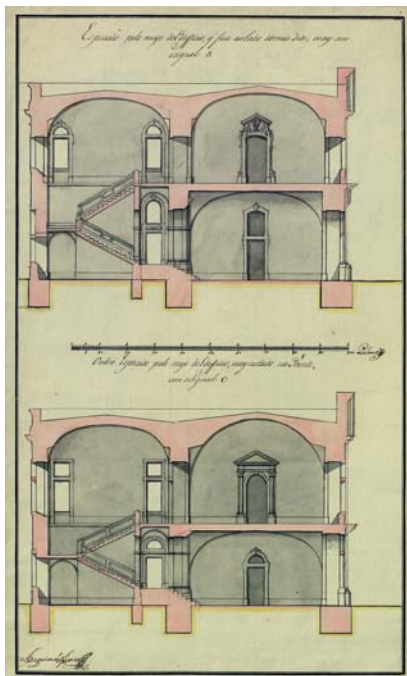


FIG. 11 - Joaquim de Oliveira, Cortes do corpo Central com átrios e escadaria da Biblioteca e Museu de Frei Manuel do Cenáculo em Beja, 46,6x28,6 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 55).

era inserido numa grande mole de edifícios episcopais que ocupariam uma grande parte da actual Rua Frei Manuel do Cenáculo e do Jardim Público. A Sul do Colégio, que mantinha as valências de Seminário, Cenáculo e Oliveira projectam uma rua que ligava o edifício a dois corpos. Um, mais a nascente, era composto pelas cocheiras e pela capela do Paço Episcopal e o bloco poente era destinado a Biblioteca e a Museu. Ao centro, envolvendo um pátio, ficavam as salas de aula e no topo sul situar-se-ia o Paço Episcopal. A parte que mais interessou a Cenáculo parece ter sido a da Biblioteca e Museu, pois é a única de que conhecemos desenvolvimentos de pormenor desta planta de distribuição através de cortes, plantas e desenhos de fachada com duas alternativas (FIG. 6 e 7). Ambas as fachadas são iguais na sua dimensão e distribuição, com um corpo central coroado de frontão triangular, diferindo apenas no desenho do pórtico, nos dois casos rusticado, mas numa das hipóteses ligado ao janelão do primeiro piso e noutra coroado por um frontão em arco abatido. Num dos desenhos as janelas do piso superior são mais altas, com bandeiras, e no outro têm um desenho de moldura ligeiramente mais elaborado. Mas o aspecto geral do edifício, com o corpo central bem marcado, assim como os dois topos, a cimalha corrida em platibanda, e um prospecto de grande horizontalidade são muito semelhantes, não havendo, como se pode ver pelas duas plantas de ambos os pisos, modificações a este nível para os dois projectos (FIG. 8 e 9). O corpo central desdobra-se num grande átrio de recepção, com uma escadaria monumental num corpo mais recuado. Recorde-se que já no papel dado a Reynaldo Manuel dos Santos para a Biblioteca da Real Mesa Censória, em 1773, a que acima aludimos, Cenáculo acentuava a importância do átrio como “indispensável para ornato, e para a decência”, ideia que aparece expressa neste plano de Joaquim de Oliveira, tal como a utilização do piso térreo com uma sequência de divisões, necessárias, a julgar pelo pensamento de Cenáculo descrito no papel referido, para “armazéns capazes de albergar materiais de imprensa e oficinas de encadernação e livros e livrarias antes da catalogação, além de livros de “ordem inferior” (Domingos, 1992, p. 148). Para o corpo central Joaquim de Oliveira apresenta em dois cortes projectos alternativos (FIG. 11) onde se pode ver a escadaria, com pequenas alterações, variações nas janelas, de bandeira semi-circular num e rectangular noutra e, sobretudo alterações no portal de entrada para as salas superiores, claramente mais barroco no projecto de cima e mais clássico no inferior, com frontão triangular e colunas embebidas. Para o corpo principal do edifício apenas conhecemos um projecto (FIG. 10) que mostra o piso térreo dividido por um corredor central e no superior uma só nave ampla abobadada, que correspondia ao espaço das salas de Museu e de Biblioteca, cada uma com 30 metros de comprimento por 12 de largura. Nesta folha apresenta-se ainda a fachada do lado sul com ligação ao que seria o edifício do Paço.

Praticamente nada destes projectos teve execução prática. Em 1777 com a morte de D. José e a queda de Pombal, Cenáculo sofreu a sorte de outros pombalistas. O mal estar na corte leva-o a fixar-se em Beja, com certo alívio, pois comemorará para sempre a data da sua saída de Lisboa. Em Beja esperava-o a tarefa hercúlea de organi-

zação de uma diocese vasta e desamparada e com pouquíssimos meios, dado que muitas das rendas ficavam na arquidiocese de Évora e nas Ordens Militares. Foram anos difíceis que não permitiram abalançar-se a uma realização tão grande como a que tinha idealizado. Chegou mesmo a pensar vender tudo e de facto tentou arranjar compradores para uma série de preciosidades, quer da colecção do Museu, quer da Biblioteca. Numa minuta de resposta a uma carta de Fr. Rafael Mohedano, datada de 21 de Novembro de 1781, Cenáculo expressa bem o desalento pela situação que vivia em Beja, no tocante à sua colecção e à falta de recursos para a manter: “aqui se me perdem Pinturas, e livros porque não tenho casa própria para isso, nem facilmente a poderei fazer, havendo pobreza infinita que deve prevalecer. Se V. M. tiver modo de saber quem compre daquela fazenda, avise porque certamente estou em animo de desistir do que não he possível conservar, e melhor he dinheiro, e mais útil do que alfayas pobres” (BPE, cod. CXXVIII/2-19).

Apesar do desalento continuou os seus trabalhos arqueológicos e históricos, que até intensificou criando uma rede de informadores entre os párocos que lhe faziam chegar peças e descrições de todo tipo de achados, e continuava a contar com amigos na côrte, que o visitam por vezes em Beja (Marcadé, 1978: 227-8) e com a permanência do apreço do próprio Príncipe D. José, seu discípulo e amigo que, já em 1783, o defendeu para a mitra vaga de Évora⁴. É uma época de grande austeridade, mas profícua, em que Cenáculo divide o Seminário entre a sua residência e algumas aulas, ocupa como catedral a próxima igreja paroquial do Salvador, e se dedica enormemente aos trabalhos arqueológicos, e à recolha de peças e as informações do vasto território abundante em vestígios⁵. É um período de desalento político mas muito fértil nas investigações pessoais, o que lhe faz aumentar a fama de erudito, o que conjuntamente com as relações com outros académicos e as doações que faz para outras instituições científicas, terá o seu peso na reabilitação política do Bispo de Beja (Caetano, 2005).

Não sabemos todos os motivos que levaram a que Frei Manuel do Cenáculo não iniciasse imediatamente os seus grandes projectos arquitectónicos. Em 1777 João Pedro Ribeiro escrevia-lhe dizendo “ter ficado admirado com o que se passa acerca da obra da igreja que deve servir de Catedral” (Gusmão 1944-56: carta 2206). E em 20 de Agosto do ano seguinte, o mesmo aconselhava Cenáculo a “manter-se no seu retiro de Beja”, a não aparecer, para não surgirem as “maquinações dos seus inimigos” e a continuar a sua grande obra, que “acabará por ser reconhecida de todos” (idem, carta 2213). O Bispo enfrentava pois um clima muito adverso, mas é de crer que na não prossecução dos seus maiores projectos estivesse sobretudo uma grande debilidade económica das suas rendas pessoais e da diocese, nova, pobre, e ainda muito debilitada pela não transferência de todos os rendimentos da mitra de Évora. A situação económica só vem a melhorar depois de 1790, quando estes problemas começam a ser sanados. Uma importante carta de Pagliarini, datada de Roma em 13 de Janeiro de 1790, mostra as diligências que Cenáculo fazia aí para conseguir a consolidação das rendas da nova diocese para obter proventos suficien-

⁴ Uma carta de Alexandre Ferreira de Faria Manuel, datada de 3 de Abril de 1783, conta a Cenáculo uma reunião da família Real a esse propósito, mostrando profunda alegria pelo que parecer o início da reabilitação política de Frei Manuel do Cenáculo: Agora dou a V. Ex^a mil Parabéns do que lhe vou dizer e lho digo e refiro com o mais excessivo gosto; gosto e alegria sem dúvida a maior que tenho tido depois que tive a desgraça de V. Ex^a se auzentar desta Cidade: Estando a Raynha, e El Rey, e o Príncipe juntos; disse este que o Arcebispado de Évora estava vago e que ele o pedia para o Bispo de Beja: a Raynha ficou como suspensa, e disse que o Arcebispado de Évora era para pessoa de grande qualidade: replicou o Príncipe, que mais qualidade que ser Bispo! e Bispo como o Bispo de Beja que he meu Mestre? a Raynha como perturbada disse ao Príncipe: o Tio (isto he El Rey) he quem hade resolver isso; El Rey respondeu: Eu não me meto nisso. O Príncipe instou e a Raynha sem rezolver nada se levantou, olhos arrasados em lágrimas, e se foi: Este facto He certíssimo, e talvez He maior do que refiro: Quem o presenciou o referio a quem a mim mo contou dando-me disso os Parabéns” (BPE, cod. CXXVIII/1-10, fl.. 106).

⁵ O melhor documento para avaliar o interesse da sua actividade arqueológica, para além das cartas e do diário, é o manuscrito de Cenáculo “São Sesinando mártir e Beja sua Pátria”, conservado na Biblioteca Pública de Évora cod. CXXIX/1-9 e publicado por Manuel Joaquim Delgado, no “Arquivo de Beja”, vol. III e seguintes, 1946.

⁶ É muito provável que a melhoria das relações da corte mariana com Cenáculo se relacione não só com o abrandamento da crispação política que se seguiu à queda de Pombal e à reclusão bejense, sem grande intervenção pública, do Bispo, como muito directamente com os acontecimentos decorrentes da morte do Príncipe D. José em 11 de Setembro de 1788. Cenáculo tinha uma profunda admiração pelo Príncipe, de quem fôra confessor e mestre, sentimento que era recíproco. A queda em desgraça do Bispo de Beja parece ter mesmo sido precipitada por um plano que Cenáculo expõe ao Príncipe, em 19 de Março de 1777, logo após a morte do rei D. José, para o fazer alçar ao trono. Em 16 de Dezembro de 1788, Cenáculo realizou em Beja um acto solene pela morte do Príncipe do Brasil, onde recitou uma brilhante e sentida Oração Fúnebre em memória de D. José, testemunho que foi muito apreciado na corte, o que, conjuntamente com o desaparecimento daquele que poderia ser o ponto de unidade dos antigos pombalistas, parece ter feito desaparecer a má vontade da corte em relação a Cenáculo. De facto, logo em 9 de Abril de 1789, Cenáculo recebeu autoização de Dona Maria para ir a Lisboa tratar dos assuntos da diocese, como anota no seu diário (Vaz, 2009:p. 597). Veja-se também Ferro, 1989. O original da Oração, sob o título de “Oração Funebre que nas Exequias celebradas na Cathedral de Beja disse o Bispo daquela Diocese no dia desaseis de Dezembro de 1788 em Memoria saudossissima do nosso Amado Príncipe o Senhor D. Joze que Deos tem” está na BPE, códice CXXIX/1-18. Também não é por certo casualidade que esta reaproximação de Cenáculo à corte se dê precisamente na altura em que o seu amigo, também pombalista, José de Seabra da Silva (1732-1813), regressado do exílio angolano é promovido a Secretário de Estado. Com ele tratará, como veremos, Cenáculo os principais assuntos.

⁷ Uma cópia desta autorização da Rainha encontra-se na BPE, códice CXXIX/1-20, fls. 212.

⁸ A escritura não deve ter sido realizada de imediato, pois ainda em 11 de Julho, Bernardo de Lima “procurador de Cenáculo” manifestava em carta as suas dúvidas sobre a necessidade de se abrir ou não concurso público para as obras “pois é de lei que se abram, quando se trata de aplicação de capitais, quer do Estado, quer da Igreja” (BPE, cod. CXXVII/1-4, Gusmão, 1944-56: carta 634)

tes para o início das obras. Pagliarini escreve que em primeiro lugar é necessário “alcançar de Pio VI o Breve de confirmação do Bispado de Beja”, criado por Clemente XIV, e em segundo lugar “que o Santo Padre mande pertencerem ao Bispado de Beja os rendimentos que a Igreja de Évora cobra nas vilas de Serpa e Moura” e tentar a “supressão do Arcediago de Oriola”, revertendo os bens deste “com os 23 benefícios vagos” para se utilizarem na “Fábrica da Igreja, Seminário e Casa Episcopal” (Gusmão, 1944-56:carta 4309). Só a solução deste problema permitiu a Cenáculo alguma verba para suportar a renda do Cofre da Massa da Cathedral, que tinha instituído. Por essa altura Cenáculo foi pessoalmente à corte e lá se deteve alguns meses para tentar resolver todos os problemas económicos do Bispado, contando já então com uma boa recepção da Rainha e dos Ministros quando aí chegou a 27 de Maio⁶. Numa nota do seu diário, de 31 de Outubro de 1789 escreve que recebeu finalmente o dinheiro que lhe deviam do ordenado como Mestre do Príncipe D. José, e que nas reuniões tidas com o secretário de Estado José Seabra e com o Bispo Confessor “ficaram resolvidas todas as dependências do meu Bispado para se estabelecer a Igreja nova, Casa Episcopal e Seminário com as providências necessárias” (Vaz 2009: p. 597). Noutro apontamento, de 22 de Maio de 1790, “aos seis meses justos da minha chegada a esta corte”, relata uma conversa com o secretário de Estado José Seabra, em que este lhe pedia que voltasse a Beja e lhe garantia já terem ido para Roma as diligências “de quanto pertencia ao Bispado como eu havia pedido”, o que se relaciona com a carta de Pagliarini, que acima referimos, e acrescentava “que não era necessário esperar pela Impretra” dando-lhe duas cópias dos decretos pelos quais a Rainha lhe mandava dar a “muralha velha” e, por dez anos o dobro da Siza (Vaz 2009: p. 597)⁷. Em 29 de Julho, Cenáculo acusa uma carta de Roma em que lhe davam conta da expedição das Bulas pretendidas pelas secretaria de Estado e em 11 de Junho do ano seguinte, anotou a recepção, “por Évora” da Concessão da Bula para a Fundação da Cathedral.

Desta forma Cenáculo conseguia as bases económicas para os seus projectos. E não perdeu tempo. Mesmo antes de entrarem os primeiros dinheiros no “Cofre da Massa da Cathedral” (em 16 de Junho de 1791), o seu Diário anota as diligências feitas. Em 24 de Agosto escreve a saída de Lisboa do Juiz do Dinheiro e do mestres de obra José da Sé e Manuel José para “virem observar o terreno para as obras da Sé, Biblioteca e Palácio Episcopal”. Em 13 de Junho de 1791, apenas dois dias depois de ter recebido a Bula para a Fundação da Sé, enviou a Lisboa o seu irmão para “celebrar a escritura e o mais para se começar a obra da Igreja Cathedral e mais obras” (Vaz 2009: p. 598)⁸. Embora, como se vê, a prioridade absoluta se centrasse na construção da Igreja, Cenáculo aproveita este momento de feição para organizar, ainda que em espaços provisórios, a Biblioteca e o Museu. Em 10 de Janeiro de 1791 anota no Diário ter nomeado para Bibliotecário o Abade Bernardo de Lima Bacelar, e para Prefeito do Museu ao Abade José Lourenço do Valle e, em 28 de Outubro do mesmo ano, anota também a nomeação de Julião e Alexandre “um para Fiel do Museu, e outro da Biblioteca com 30 mil réis cada um”.

Cenáculo não esperou de facto pelas obras, que demoraram muito, acabando por ficar, como se sabe, a igreja incompleta e sem cobertura⁹. Instalou a Biblioteca em salas do Seminário e abriu o seu Museu Sesinando Cenaculano Pacense, em 1791, talvez o primeiro museu público português, ou pelo menos o primeiro a ter uma organização interna, com conservador e ajudante e um catálogo preparado para impressão, com desenhos das principais peças de arqueologia¹⁰. A Oração de inauguração, feita pelo conservador Frei José Lourenço do Valle, mas revista por Cenáculo, foi proferida em 16 de Março de 1791 e é um documento precioso, e já várias vezes utilizado, para a história da museologia portuguesa e para o pensamento de Cenáculo sobre a função de um museu¹¹. Um dos aspectos essenciais desta concepção é a ideia abrangente ou totalitária do Museu como microcosmos do Mundo e da História, isto é, como reflexo de toda a criação divina e das acções humanas, devendo assim abranger a memória das civilizações através dos seus objectos e da sua arte, e a memória da criação divina, através da apresentação e catalogação da natureza. No estilo empolgado que a ocasião e o tempo requeriam, escreve Fr. Lourenço do Valle: “escutai enquanto eu trabalho em seguir os passos daqueles respeitáveis Sábios que dignamente já disserão tudo neste lugar. Na lição da antiguidade, deos Immortal que superioridade. Que magnificencia! Que fundamentos para a História Sagrada! Que conhecimentos das Regiões e Lugares! Que homens! Que artes! Que Costumes! Que erudição sagrada e humana! Que imprevistas mudanças da natureza, e dezengano do mundo!

Todas estas grandezas se comprehendem no Muzeo, e não direis que o seu estudo he somente o conhecimento da Fizica natural, dos saes, sucos oleozos, pedras, petrificações, christaes, Minerais, Metaes, plantas e todas as mais produções maravilhozas da natureza: eu me esqueço de todos estes magnificos objectos, ou melhor eu os ajunto todos em hum. O estudo do Museo he estudo de todas as sciencias para conhecermos a Deos e sua Religião, com utilidade nossa, donde provem fortes rezões para nos applicarmos a elle.

Com effeito, Snrs, que apinhoados conhecimentos me trás a memoria o nome de Muzeo” (fl. 1 vº).

O segundo esteio do pensamento de Cenáculo sobre o Museu, está na sua ligação ao ensino, no carácter didactico e exemplar que o estudo das colecções, sobretudo históricas, fornece, ajudando à procura da verdade da própria ciencia histórica: “No estudo das raridades dos engenhos não se consideravão os metaes, e pedras nuas; mas illustradas com varias figuras, emblemas, symbolos, typos, inscrições, com que a recreação do estudo anda sempre unida. Nada ha mais agradável do que ver os retratos dos antigos Heroes, contemplar enigmas, conhecer Tropheos, ver as façanhas e louvores deixados aos seculos: e de que nasce a utilidade de com esta lembrança exercitarse o dezejo de immitar aquelles, a quem o mundo deve honra, e a posteridade veneração, e a historia o seo esplendor. Estes documentos tam respeitaveis são a testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da Lembrança, mestra da prudencia, e correios da anti-guidade, que acendem luzes da Historia, e guião para a exacta chronologia”.

⁹ Os projectos que vimos de Joaquim de Oliveira são pouco pormenorizados e o architecto continuou a realizar estudos de pormenorização da obra, embora disso não tenhamos senão notícias muito vagas. Uma carta de Joaquim José da Silva Torres, datada de 8 de Julho de 1794, comunica a Cenáculo a sua chegada a Lisboa, acrescentando que não tivera ainda ocasião de procurar o Senhor Joaquim de Oliveira “para tratar com ele a respeito dos papéis pertencentes à capela mor” (BPE cod. CXXVII/1-13, citado por Gusmão 1944-1956: carta 2434). Duas outras cartas, de Pagliarini, desse ano de 1794, referem-se igualmente ao andamento dos trabalhos, que então seguiam a contentamento de Cenáculo. Numa, de 24 de Abril, o livreiro congratula-se pelo estado de saúde do Bispo e pelo “estado das obras para o estabelecimento da sua Catedral e do Seminário”. Noutra, de 30 do mesmo mês, estima as notícias que Cenáculo lhe manda “acerca da Catedral e do Seminário do seu novo Bispo” (Gusmão 1944-1956: cartas 4370 e 4371).

¹⁰ Biblioteca Pública de Évora, Inscrições do Museu Sisenando Cenaculano Pacense (cod. CXXIX/1-13) e Lápides do Museu Sesinando Cenaculano Pacense (código CXXIX/1-14)

¹¹ Biblioteca Pública de Évora, Fundo da Manizola, cod. 75, doc. 19. Foi publicada parcialmente por Vasconcelos, 1898 e, na íntegra, por Pereira, 1995 e Janeira, 2007.

¹² No Diário de Frei Manuel do Cenáculo encontra-se uma “Breve Relação de algumas Memórias a respeito dos Estudos desde o anno de 1777 até ao anno de 1791 na Cidade de Beja”, BPE, cod. CXXIX/1-20, fls. 197-204.

¹³ A dimensão desta doação foi imensa, e de grande qualidade. Contam-se nela 1942 títulos e mais de 2100 moedas, para além de um grande número de curiosidades artísticas e arqueológicas. O catálogo dos livros encontra-se em três códices dos Reservados da Biblioteca Nacional (cod. 11522, 11523 e 11525). Sobre esta doação veja-se sobretudo o catálogo da Exposição “Casa dos Livros de Beja. Doação de Frei Manuel do Cenáculo à Real biblioteca Pública da Corte”, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2006. veja-se ainda Vaz, 2009: p. 318-32 e Domingos 1995.

¹⁴ Vaz, 2009:p. 436-7. Este autor publica um interessantíssimo número de cartas sobre esta doação, a pag. 432-440.

¹⁵ Antes da doação circulava na corte, e junto de D. João, que Cenáculo vendera para Espanha o seu monetário, o que levou o Marquês de Ponte de Lima a garantir ao regente a “vassalagem e o amor à Pátria de V. Ex^{aa}” – Carta a Cenáculo de José Joaquim da Costa e Sâ, de 2 de Dezembro de 1796, BPE, códice CXVIII/1-1, nº 91.

A pressa de Cenáculo em avançar com a criação do seu Museu, mesmo antes de estar concluído o edifício próprio que delinear a nos seus projectos o arquitecto Joaquim de Oliveira, tinha sem dúvida várias razões. Uma delas, a que já fizemos referência, era a consciência do próprio bispo do estado em que se encontravam as suas colecções, sujeitas à degradação pelo mau acondicionamento. Outra foi a consciência pedagógica que tinha do seu acervo que deveria ser disponibilizado no âmbito do Seminário que começa a ter alguma expressão, com cursos sucessivos de história, linguas antigas e religião¹². Mas para a decisão não seria também indiferente o facto de começarem a desenvolver-se no país outros projectos museológicos, quase todos, é certo, na área das ciências naturais, mas também já com inclusão de objectos arqueológicos e artísticos (veja-se Teixeira, 2000 e Brigola, 2003). Um desses projectos, que retomava no fundo uma ideia de Cenáculo a que já fizemos referência, foi a criação da Real Biblioteca Pública, fundada em 1796 com os fundos da Real Mesa Censória. O seu primeiro director foi António Ribeiro dos Santos (1745-1818), amigo de Cenáculo, com quem manteve sempre uma profunda colaboração e uma intensa troca epistolar. A biblioteca viria a assumir, pelo decreto de 4 de Fevereiro de 1802, funções que antigamente cabiam à Real Academia da História joanina, no tocante à defesa de bens patrimoniais de interesse histórico, devendo ter nas suas instalações “huma grande collecção de Peças de antiguidade e Raridade”. Frei Manuel do Cenáculo colaborou intensamente na oferta de livros e de colecções arqueológicas e, sobretudo, de moedas¹³. A doação causou imensa impressão não só no Bibliotecário, mas em toda a corte e teve um papel determinante na carreira futura de Cenáculo.

O próprio Cenáculo empenhou-se neste projecto com verdade e paixão. Numa carta a António Ribeiro dos Santos, datada de 26 de Março de 1797 escrevia “quanto eu valho, ainda agora nesta memoria estafada, heide servir a Vossa Senhoria, com mil amores, e a esse abençoado Museo, com as notícias, e préstimos a que eu chegar, mas desejo de antes enviar-lhe outras coisitas que inteirem alguns rôtos”¹⁴. Ribeiro dos Santos, por seu turno, não tem palavras para expressar o seu contentamento pela doação do bispo de Beja. Por várias vezes em 1797 testemunha o seu apreço por Cenáculo e sublinha o seu papel na constituição da Biblioteca Pública (Gusmão, 1944-1956, vol. I: p. 212-217). Numa dessas cartas, em que dá a Cenáculo a notícia da abertura da Real Biblioteca, Ribeiro dos Santos é muito claro sobre a importância da doação para a Biblioteca, ao escrever “A Bibliotheca abriu-se com mais brevidade, do que eu esperava; e não me coube em tempo, e no meyo dos trabalhos, que então tive, antecipar a Vossa Excelência esta notícia. Ella tem conseguido os elogios do Publico; e o Sagrado Nome do seu Illustre bemfeitor tem conciliado de tal modo a attenção dos concurrentes, que todos vão com alvoroço à Casa dos Livros de Beja, como em Romagem ao Sanctuario das Musas” (Gusmão, 1944-56: vol.I, p. 215). Como já notou Esteves Pereira (Pereira, 1983:p. 80), a doação de Cenáculo não foi inocente e foi mesmo um ponto de viragem na sua reabilitação política¹⁵. A nosso ver foi mesmo o factor determinante para que o exilado pombalino viesse a receber o Arcebispado de Évora. Mais do que os hiperbólicos agradecimentos de Ribeiro dos Santos é

sobretudo pelas cartas de Joaquim José da Costa e Sá, que segue todo o processo, que nos podemos aperceber com clareza da relação entre os dois acontecimentos. Em 19 de Maio de 1797 Joaquim José escreve a Cenáculo uma carta em que se mostra claramente como a doacção estava a agitar o ambiente na corte, entre apoiantes e inimigos do bispo de Beja: “hoje fui buscar o S. Dez.or Antônio Ribeiro dos Santos à Bibliotheca P. Eu o cumprimentei da parte de V. Ex^a R.ma, e me disse participasse a V. ER.ma que o Sr. M.M.M.¹⁶ ficou como assustado, quando lhe comunicou que V. Ex^a R.ma tinha enviado o Monetário de cobre, acompanhado de raridades, e de livros de exquisita estimação, e que era huma remessa importantíssima por tão singulares aquisições; e que o dito S.M.M.M. lhe dissera: Eu tenho andado sobressaltado e sem socego com a canelada de S. Alteza, e não tenho tido lugar para fazermos o que S. A. mandou fazer ao Grande Bispo de Beja” (BPE, cod. CXXVIII/ 1-1, nº 93). No dia 25, em nova carta, escreve que “aqui ficaram todos *hiantibus oribus* quando virão os preciosísimos thesouros vindos de Beja”, descrevendo os mais importantes e dizendo que Ribeiro dos Santos tinha ordem “que logo que chegassem as Raridades com o Monetario desse parte pera S. Alteza vir ver”. E acrescenta: “os officios estão resolutos por S. Alteza, mas o Marquez ou por negligência, ou por affazeres, que trazem as cabeças de todos os Ministros, não expedio os despachos úteis e de honra pera V. Ex^a R.ma, e o Ministro de estado, o senhor D. Rodrigo¹⁷ me pediu que lhe contasse tudo, para ele entrar com sua Alteza em couzas respectivas a V. Ex^a Rma” (BPE, Cod. CXXVIII/1-1, nº 92). Em 13 de Janeiro do ano seguinte dá conta da chegada do monetário: “Chegou Gamito, e fez-se a entrega hontem de tarde ao Sr. RR dos Santos em sua mão do Monetario preciosíssimo que V. Ex^a R. ma mandou. Sua alma ficou transportada vendo tantas raridades, aneis, e sommão todas as peças ao numero de 2100 peças. Elle diz que S. Alteza ganhou hum grande thesouro em seus dias” (idem, nº 98). Em 23 de Janeiro nova carta elogia os livros. A recompensa de Cenáculo, relacionada já com a Mitra de Évora, assume contornos mais claros quando D. Rodrigo de Sousa Coutinho assume a Inspecção da Biblioteca. Em 13 de janeiro de 1801, Joaquim José da Costa e Sá escreve uma longa carta a Cenáculo, em que lhe dá conta das movimentações em seu apoio: “... o Exm^o Sr. D. Rodrigo de S.C., quando tomou posse daquela Inspecção, se encarregara de pôr na Augusta Presença do Príncipe Regente Nosso Senhor este negocio (...). Diga-me V. Ex^a Rev.ma em franqueza, e logo, que Partido deseja se tome sobre o modo, e natureza da Recompensa”¹⁸ (idem, nº 110). Nesse ano, por morte do Arcebispo Xavier Botelho de Lima vagou a Mitra de Évora e a “recompensa” começa a ser mais precisa. Em 7 de Dezembro, Joaquim José dá conta ao Bispo de Beja, “Quinta feira tomou posse da Inspecção da Bibliotheca Pública o Exm^o Sr. D. Rodrigo de S. C., a quem o Bibliothecario Maior sô teve para mostrar, como cousas singulares, e bellas, as preciosísimas raridades, e riquíssimos livros, e mui singulares medalhas, com que V. Ex^a ataviou, e adornou aquelle thesouro de litteratura; e S. Ex^a admirado de ver tão lindos e brilhantes monumentos da veneranda Antiguidade, perguntou: Que se deo em premio a este distintissimo, e exemplaríssimo Bispo? Respondeo o B.M. Nada até agora. Mas isto já o sabia S. Ex^a, e eu na véspera o prevenira” (idem, nº 112). Em 13 de Fevereiro de 1802, nova

¹⁶ Trata-se quase seguramente da abreviatura para o Marquês Mordomo Mor, D. Tomás Xavier de Lima Nogueira Vasconcellos Telles da Silva (1727-1800), 14^o Visconde de Vila Nova de Cerveira e 1^o Marquês de Ponte de Lima. Substituiu Pombal como Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino e foi Presidente do Real Erário. Vaz, 2009: p. 502-506, publica três cartas de Cenáculo a D. Tomás.

¹⁷ D. Rodrigo Domingos de Souza Coutinho Teixeira de Andrade Barbosa, 1^o Conde de Linhares (1745-1812), Secretário de Estado da Marinha. Os despachos referidos deviam ser a resolução do problema dos pagamentos em atraso a Cenáculo pela suas Presidência da Real Mesa Censória e da Junta do Subsídio Literário, que continuavam por pagar e que Cenáculo recebe nesta altura. D. Rodrigo era um dos grandes apoiantes de Cenáculo, vd. infra.

¹⁸ Veja-se sobre os pedidos de Cenáculo e a sua relação com D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Marcadé, 1978: pp. 409-437.

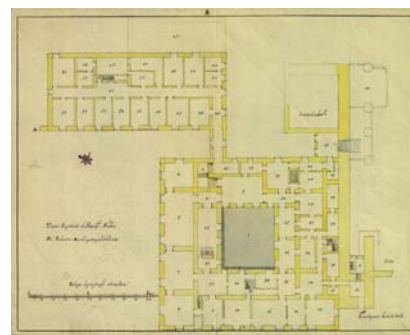


FIG. 12 - Levantamento do piso nobre do Paço Arqueiepiscopal de Évora e Colégio dos Meninos do Coro da Catedral, 35,5 x 43,8 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 9).

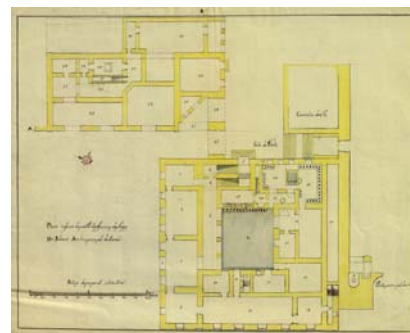


FIG. 13 - Levantamento do piso térreo do Paço Arqueiepiscopal de Évora e Colégio dos Meninos do Coro da Catedral, 35,5 x 43,9 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 6).

carta, informava Cenáculo do passo mais importante: “he verdade que o Exm^o Sr. Dom Rodrigo de S. C. ama a V. Ex^a, e certamente desejaria ver a V. Ex^a sentado na Catedral Metropolitana de Évora: por tanto a este Ministro benfazejo, e justo deverá V. Ex^a ver dentro de poucos dias coroada com premio a sua generosa Doação: meu Irmão lavrou hontem o Decreto, e enquanto não baixa assignado, não se deve nada dizer” (idem, nº 113). Em 11 de Março, finalmente, podia dar conta a Cenáculo da certeza de ter almejado a desejada cadeira e do apoio do Regente: “Hontem fui a Queluz, por dependencias, de que me acho particularmente encarregado para o Gabinete de S.A.R.; e então beijei a mão ao Príncipe R.N.S., que me recebeu como costuma fazer-me Mercê, e quando lhe rendi as Graças pela mercê de haver elevado V. Ex^a à Dignidade eminentíssima de Metropolitano de Évora, me respondeo: Eu amo ao Arcebispo eleito pelas suas virtudes, e Litteratura; e ha annos o trago no meu coração” (idem, nº 117).

A nomeação para a rica Arquidiocese de Évora abriu nova esperança de retoma dos projectos de Cenáculo e quase imediatamente recommçaram, agora para Évora, os projectos de Joaquim de Oliveira. Como em Beja o primeiro é um levantamento circunstanciado dos dois pisos do Paço Arqueiepiscopal e do edificio contíguo e a ele ligado que havia sido construído no século XVII pelo administrador do Arcebispado D. João de Sousa (FIG. 12 e 13). É neste último edificio, tornado inútil pela transferência do colégio para a construção a sul do claustro da catedral, que Cenáculo pretende instalar as suas colecções e livraria. Os projectos de Joaquim de Oliveira mostram-nos uma transformação do piso térreo (FIG. 17), com aproveitamento das paredes exteriores e uma reelaboração do espaço interior, e uma utilização completamente nova do piso superior. Também aqui, como em Beja, Joaquim de Oliveira fornece dois projectos alternativos, mas com maiores diferenças um do outro. É curioso dizer desde já que em qualquer dos projectos a fachada principal aparece voltada a sul, para a cabeceira da Catedral, isto é, para o actual largo Mário Tavares Chicó. Hoje este largo

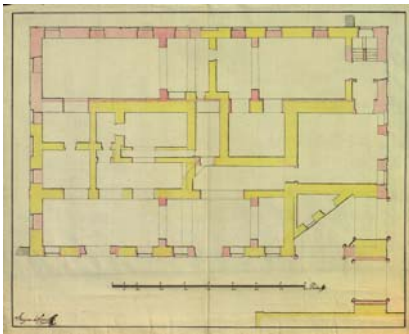


FIG. 17 - Joaquim de Oliveira, Projecto para a transformação do piso térreo do Colégio dos Meninos do Coro da Catedral de Évora para o edificio da Biblioteca Pública, c. 1802-3, 35,7 x 43,9 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 50).

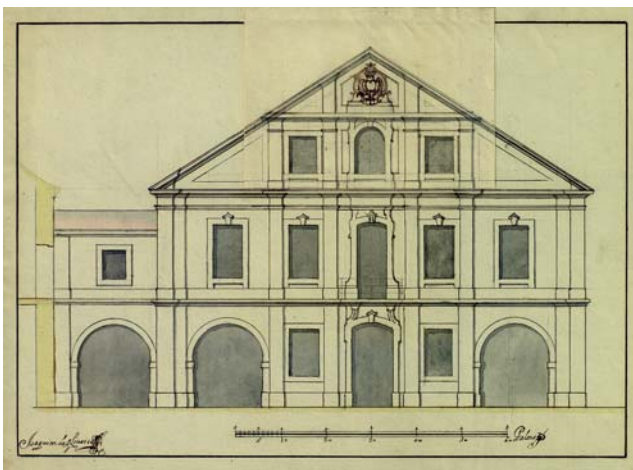


FIG. 14 - Joaquim de Oliveira, Projecto para a fachada sul da Biblioteca Pública de Évora, c. 1802-3, 26,5 x 36,5 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 44).

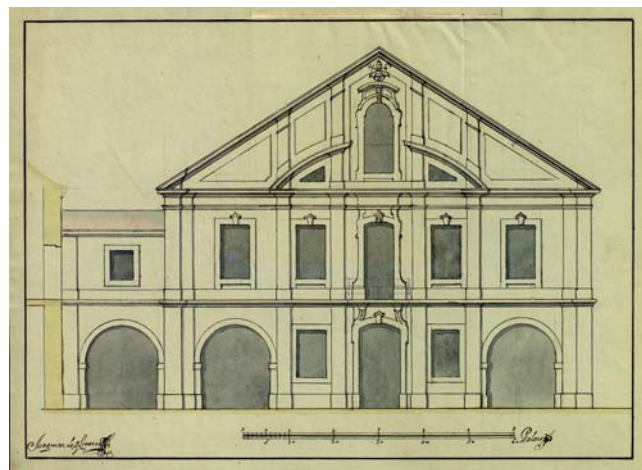


FIG. 15 - Joaquim de Oliveira, Projecto para a fachada sul da Biblioteca Pública de Évora com variante no frontão, c. 1802-3, 26,5 x 36,5 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 44).

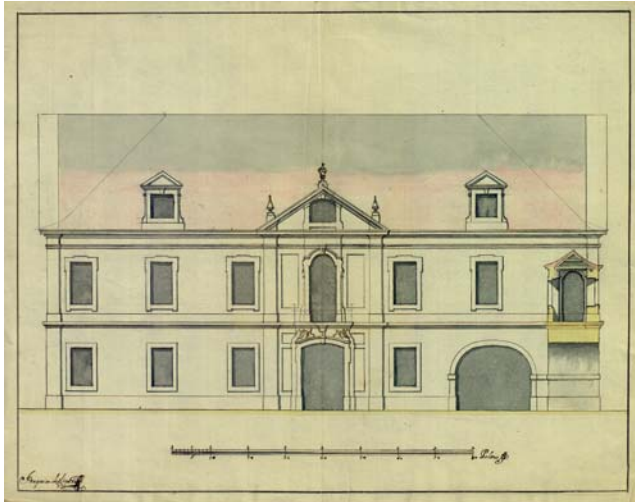


FIG. 16 - Joaquim de Oliveira, Projecto para a fachada ocidental da Biblioteca Pública de Évora, c. 1802-3, 43,9 x 34,5 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 39).

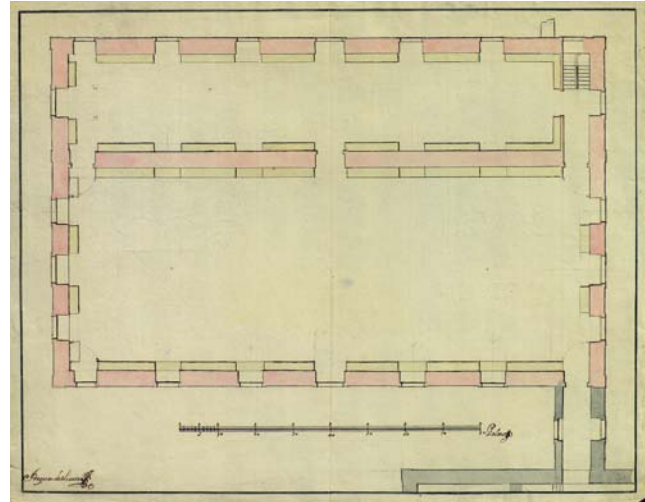


FIG. 18 - Joaquim de Oliveira, Planta do piso nobre da Biblioteca Pública de Évora, c. 1802-3, 34,9 x 43,9 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 46).

é uma simples passagem entre a praça do templo romano e a descida da colina até às Portas de Moura, contudo antes da desobstrução do templo, que daria ao Largo Conde de Vila-Flor uma centralidade na cidade que não existia desde os tempos romanos, o pequeno largo junto à cabeceira da Catedral era verdadeiramente central. Para lá se abriam os portais dos Paços dos Condes de Basto e de Portalegre, para lá se abria uma entrada directa do Paço dos Arcebispos e as portas do celeiro catedralício e para lá se tinha voltado a primitiva Câmara da cidade. O próprio Ludovice, na sequência das obras de construção da nova capela-mor da Sé no século XVIII, projecta para este espaço duas grandes praças desniveladas unidas por escadarias cujo projecto se conhece por um grande desenho das colecções do Museu de Évora (ME 12230). As praças ludovicianas, que dariam um outro impacto urbanístico à nova capela-mor, mostram a importância do espaço público que se mantinha ainda nos inícios do século XIX quando Joaquim de Oliveira faz os seus projectos para a Biblioteca. Dos dois conjuntos arquitectónicos conhecidos um tinha claramente uma menor monumentalidade (FIG. 14, 15 E 16), mantendo uma linha de altura semelhante ao Paço Arquiepiscopal, ao qual se ligava por duas arcadas, com o último arco já incorporado dentro da estrutura do edifício da Biblioteca. A fachada sul, a principal, é projectada com um grande frontão triangular, tripartida entre um corpo central e dois laterais que dão simetria ao último arco do passadiço. As janelas são de desenho simples, aparecendo ligadas as centrais num eixo sobre a porta em três sucessivos registos. Um pequeno papel mostra para esta alternativa duas hipóteses distintas (FIG. 14 e 15) para o coroamento. Numa o frontão é preenchido por três janelas encimadas por um brasão e noutra, sobre o corpo principal, abre-se um frontão interrompido por um grande janelão coroadado pelas armas arquiépiscopais.

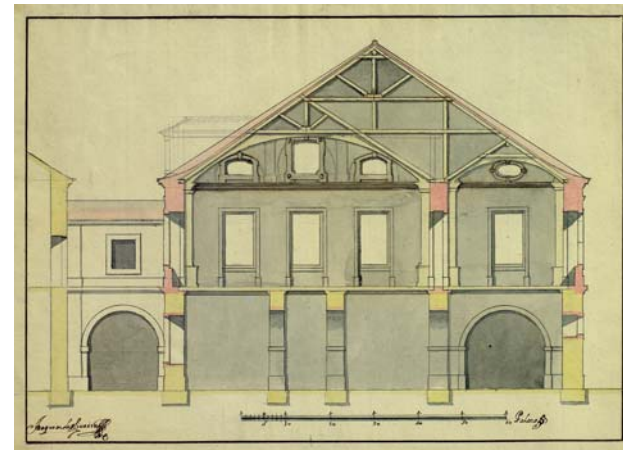


FIG. 19 - Joaquim de Oliveira, Projecto para a Biblioteca Pública de Évora - corte E-W, c. 1802-3, 26,7 x 36,5 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 41).

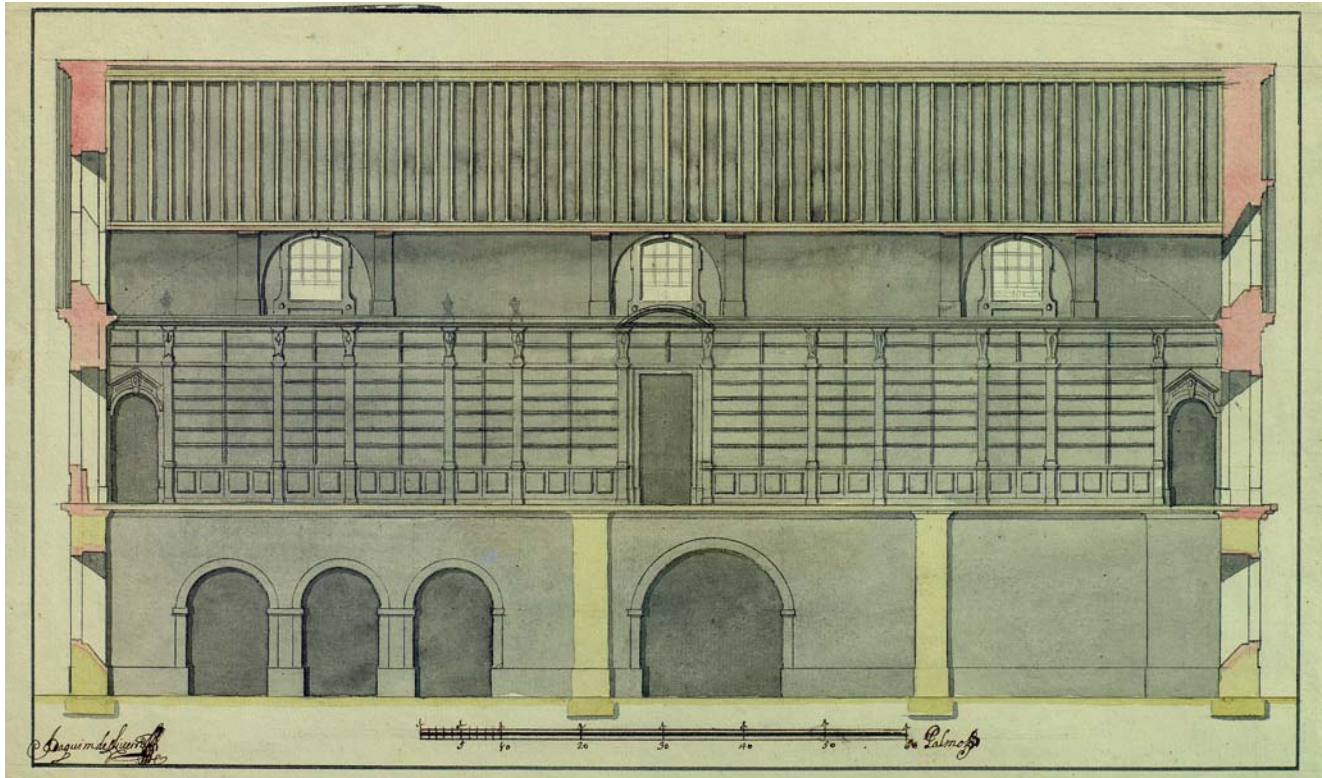


FIG. 20 - Joaquim de Oliveira, Projecto para a Biblioteca Pública de Évora - corte N-S, c. 1802-3, 26,3 x 42,3 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 48).

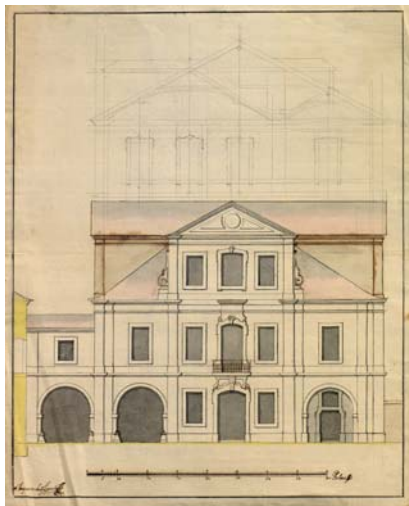


FIG. 21 - Joaquim de Oliveira, Segundo Projecto de Fachada Sul para a Biblioteca Pública de Évora, 1802-3, 43,7 x 35,5 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 54).

O desenho da fachada poente é particularmente interessante pelos artificios que comporta (FIG. 16). A abertura dos dois arcos que compunham então o passadiço entre o colégio e o paço arquiépiscopal, causavam um natural desequilíbrio na simetria da fachada e, para o minimizar, Joaquim Oliveira propõe a inclusão do último deles no novo edifício, com uma passagem em cotovelo através do arco aberto à direita. Desta forma, embora este lado do edifício fique apenas com duas janelas (e não com três, como o oposto), a forte marcação do corpo axial, a colocação das duas janelas no ático, de memória mardeliana, e a dimensão geral do edifício, ajudam a manter um equilíbrio da composição apesar desse elemento de ligação. As janelas são de moldura bastante simples, mas o corpo central é particularmente engenhoso. Em três registos, com frontão triangular coroado por pináculos, é marcado pela linha dos vão abertos, quase em contínuo. No piso inferior abre-se uma larga porta em arco abatido que se liga com o janelão aberto até ao chão, mais estreito, de recorte circular e, já dentro do frontão, uma outra janela corre ao nível do ático. É particularmente interessante o jogo destes vãos com as molduras das janelas cegas, laterais no piso nobre e interrompidas no térreo, que ajudam à simetria e ao equilíbrio deste corpo e de toda a fachada. Esta solução correspondia na planimetria do piso nobre a duas salas, sendo a maior voltada a poente, a toda a largura do edifício, com uma outra mais estreita nas traseiras (FIG. 18). Esta destinava-se provavelmente às colecções, ficando a mais

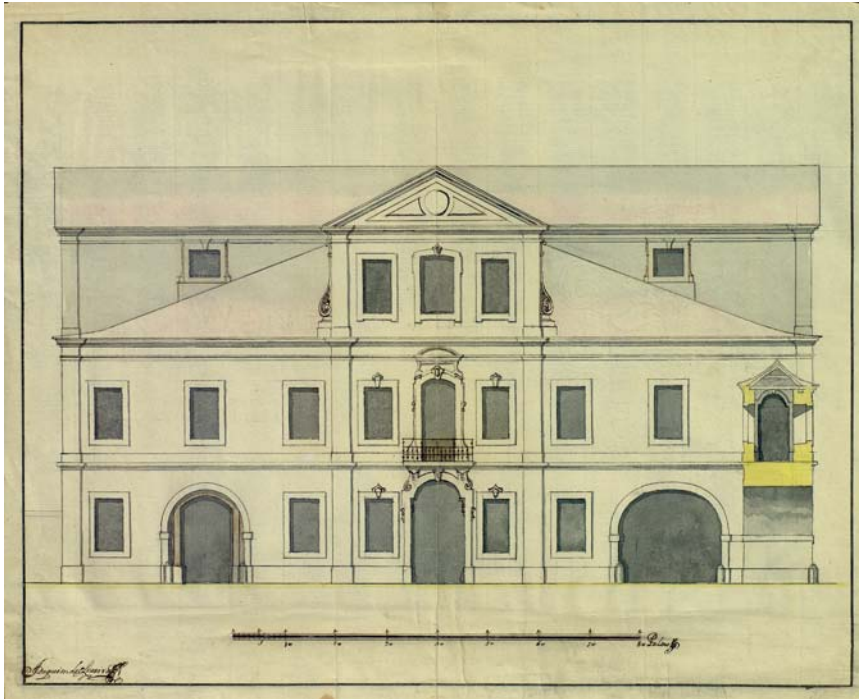


FIG. 22 - Joaquim de Oliveira, Segundo Projecto de Fachada Ocidental para a Biblioteca Pública de Évora, 1802-3, 35,4 x 44 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 45).

larga, com cerca de dois terços da área, para biblioteca (FIG. 19). Conhecemos o corte longitudinal desta sala já com a aplicação das estanterias da livraria (FIG. 20).

O segundo projecto era bem mais ambicioso, com uma estrutura de telhados em cruz que uniam as fachadas mais elevadas. A fachada sul continua a ser a principal, mas eleva-se agora claramente acima da antiga cêrcea do edifício através da subida do corpo central, com três registos claros, coroado por frontão triangular (FIG. 21). Notamos o mesmo sentido de construção de uma fachada sóbria, mas harmónica, procurando a simetria através de um portal recuado na parte direita, abrindo-se um arco que dá continuidade ao passadiço inserido no plano de fachada. O corpo central cruza-se com os telhados do corpo central leste-oeste, como se pode ver melhor pelo desenho proposto para a fachada ocidental (FIG. 22). A mole do piso superior e o jogo dos telhados, bem como a elevação do corpo central monumentalizavam bastante esta proposta, dotada de varanda no janelão principal do piso nobre. Na planimetria esta solução traduzia-se por uma planta em cruz na sala principal, com quatro salas mais pequenas nos cantos, talvez destinadas às colecções museológicas (FIG. 23). O corte norte sul mostra-nos como no interior as aberturas do último registo davam origem a janelas termais, lateralizadas por duas aberturas dentro de goivas, o que melhoraria substancialmente a iluminação do interior, uma preocupação várias vezes expressa por Frei Manuel do Cenáculo. É interessante que, tanto nos projectos para Évora, como nos anteriores para Beja, há sempre uma distinção entre o piso nobre, onde Museu e Biblioteca se instalam, e uma ocupação do piso térreo apenas para depen-

FIG. 23 - Joaquim de Oliveira, Segundo Projecto para planta do piso nobre da Biblioteca Pública de Évora, 1802-3 (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 38).

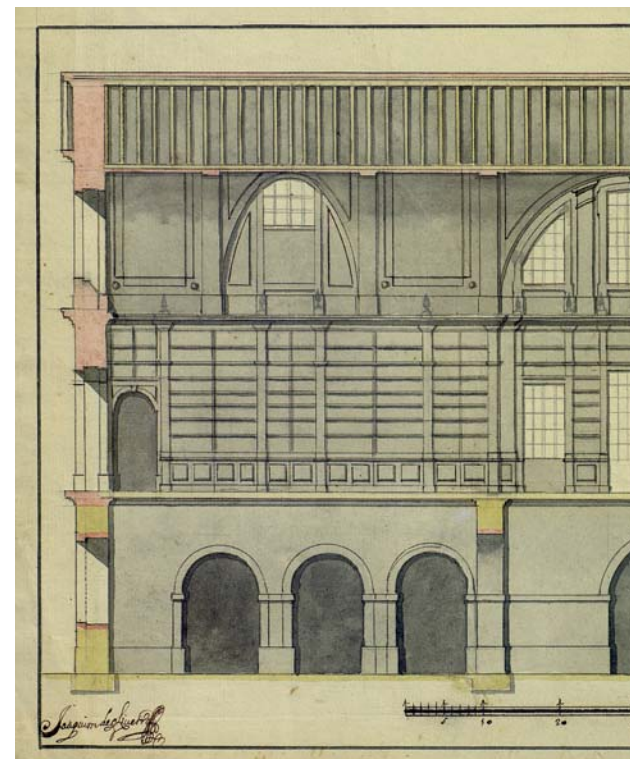
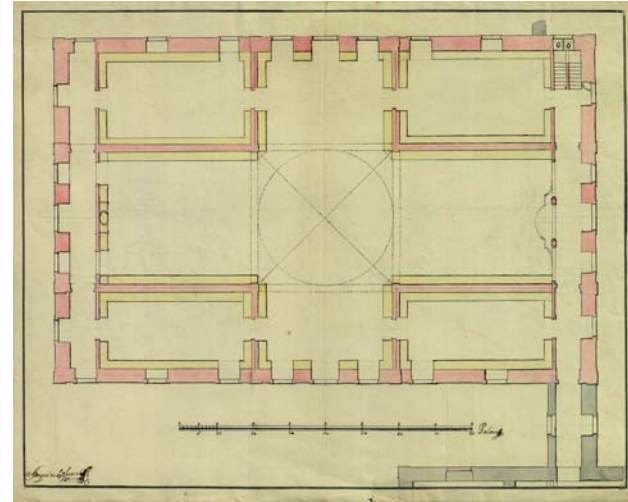
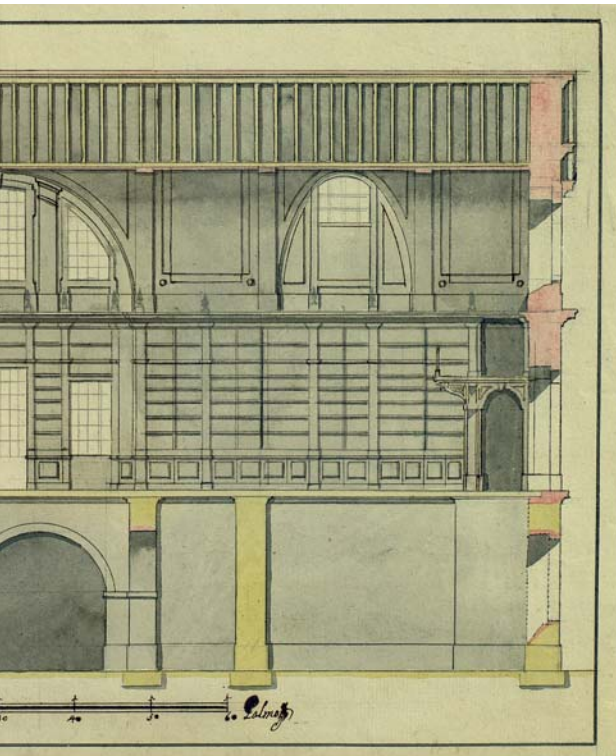


FIG. 24 - Joaquim de Oliveira, Segundo Projecto para a Biblioteca Pública de Évora, corte N-S, 1802-3, 26,7 x 42,3 cm (BPE, reservados, Gav. 8, Pasta I, nº 49).

dências menores de depósitos e oficinas, à excepção claro está, do átrio da escadaria, que desde o programa dado a Reynaldo Manuel dos Santos para a Biblioteca de Lisboa, sempre fora uma das preocupações de Cenáculo. Há nesta posição um misto de razões práticas, de conservação das espécies em melhor ambiente, mas também uma razão ideológica de associação ao espaço palaciano, onde desde a Renascença se tinha interiorizado a supremacia simbólica do Plano Nobre.

Talvez demasiado ambiciosos, nenhum destes projectos sobreviveu à morte do arquitecto Joaquim de Oliveira, ocorrida em 1803. Já entrado em idade, Cenáculo tinha certamente pressa de ver o seu projecto corporizado sem delongas e acabou por optar por uma intervenção mais ligeira, apenas vagamente inspirada nos projectos de Joaquim de Oliveira. As obras decorreram com grande rapidez de forma que em 1804 o mobiliário, pelo menos em parte, já estava instalado. O Diário de Frei Manuel do Cenáculo dá-nos uma visão muito rápida do desenvolvimento dos trabalhos: 7 de Dezembro de 1804 – Fui levar o painel do Senhor entre os doutores no templo e colocá-lo na frontaria da Biblioteca por ser orago da casa e museu, e festejei assim o aniversário da minha saída de Lisboa; 8 de Fevereiro de 1805 – Assentou-se a última estante da Livraria; 6 de Março de 1805, meu aniversário, se abriram na livraria os primeiros caixotes de Livros; 5 de Março de 1805 – Fui pôr o primeiro livro nas estantes da minha livraria; foi o primeiro tomo da polyglota de ximenes; fui com o vigário geral, capelães e pessoas de família. Mandei abrir um caixote e o primeiro livro que deparei foi a Evora Gloriosa, o que me pareceu coisa de reflectir” (Vaz, 2009: p. 603-4).

As obras custaram 6.8000.000 réis, numa primeira fase (BPE, Cod. C./ 2 -18, nº 20), e numa segunda, mais 3.479.260 rs., a que se refere em Julho de 1805 a pagamentos ao pintor, aos carpinteiros e aos pedreiros, “por uma sala anexa à grande da livraria”, provavelmente destinada às colecções de arte e de curiosidades (BPE, Cod. C/2-11). No entanto, pela instabilidade das invasões francesas ou por outros motivos, não se deve exagerar a “inauguração” da biblioteca, que já depois da morte do arcebispo dava mostras de estar ainda numa grande desorganização, tal como as colecções museológicas. Pelo inventário pós-mortem feito aos bens de Cenáculo, podemos ver que grande parte das obras de arte, curiosidades e mesmo objectos arqueológicos não estava na biblioteca-museu, mas sim no Paço (Espanca, 1956). Por outro lado, a 22 de Fevereiro de 1814 os encarregados de proceder à inventariação traçam um quadro bastante negro das condições de organização da Biblioteca: “A Livraria, incluída apenas n’uma vastíssima sala com 72 estantes de 11 ordens cada huma, que não podem conter grande numero de livros, que ainda estão em bancas e caxottes fechados he avaliada talvez sem excesso em 50 000 volumes. Além destas estantes, e caxoens ha mais 30 grandes armarios, e 28 mais pequenos, recheados de manuscritos, e livros antigos impressos, obras prohibidas, e sobre tudo de pergaminhos da maior riqueza e variedade: os gabinetes contêm riquissimas pinturas originaes, ou excelentíssimas copias dos milhores Autores, retratos de Homens e pessoas insignes, lâpides, e monumentos anti-quíssimos, um Monetario com medalhas dos 3 metaes, ainda que de oiro apenas serão 16 a 20 por se dizerem roubadas na invazão, e muitos productos dos reinos Vegetal e



mineral, mas de tanta preciozidade, nem há catalogo, nem inventário algum, e o mais he que huma tão admiravel Livraria esta colocada sem ordem ou sisthema algum, nem mesmo tem a vantagem de se encontrarem juntas todas as obras do mesmo Autor, e algumas vezes nem todos os tomos da mesma obra” (BPE, cod. C/2-18, nº 2)¹⁹.

Esta inventariação tinha uma raiz curiosa. Como atrás vimos, Cenáculo tinha conseguido o dobro da Sisa do Bispado de Beja para as obras da Catedral, Paço, Biblioteca e Museu, que nunca chegaram a ser feitas. Ao ser eleito arcebispo de Évora, trouxe consigo as colecções, o que, como bem viu João Brigola (2003: p. 432), nos deve levar a discutir o carácter “público” do seu Museu, que não seria público, senão no sentido da sua abertura generalizada à população que o requeresse. A arrematação dessas sizas deixou uma dívida que o bispado bejense entendia, e bem, não dever pagar, o que levou ao arresto da biblioteca e museu de Évora. A situação resolveu-se a contento e mesmo algumas peças arqueológicas deixadas em Beja viriam a ser trazidas para Évora, na renovação da Biblioteca e Museu realizada por Augusto Filipe Simões (Simões, 1869). Ainda restaram contudo em Beja tanto peças arqueológicas como pinturas, o que faz com que a colecção Cenáculo esteja de facto na génese quer do Museu de Évora, quer do Museu Regional Rainha Dona Leonor, de Beja, devendo reconhecer-se ao Arcebispo o título de criador de Bibliotecas e Museus, com singular primasia em Portugal.

¹⁹ A 12 de Março, na sequência deste relatório, uma resolução da Regência mandou inventariar todo o espólio pelo Bispo Eleito Vigário Capitular, à excepção das pinturas que ficariam para um inventariador especializado (BPE, cod. C/2-12, doc. 11).

Bibliografia

- BRIGOLA, João Carlos Pires. 2003. Colecções, Gabinetes e Museus em Portugal no Século XVIII. Lisboa: Fundação Colaste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- CAEIRO, Francisco da Gama. 1959. Frei Manuel do Cenáculo: Aspectos da sua actuação filosófica. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- CAETANO, Joaquim Oliveira. 2005. Os Restos da Humanidade. Cenáculo e a Arqueologia. Imagens e Mensagens. Escultura Romana do Museu de Évora. Évora: Museu de Évora.
- CALAFATE, Pedro. 1994. A Ideia de Natureza no Século XVIII em Portugal (1740-1800). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DOMINGOS, Manuela D. 1992. Para a História da Real Mesa Censória. Revista da Biblioteca Nacional. 2ª Série, nº 7, pp. 137-158.
- DOMINGOS, Manuela D. 1994. A Primeira Biblioteca Pública Portuguesa, 1775-1795. Planos, projectos e primeiros fundos. Cadernos BAD nº 1, pp. 50-70.
- DOMINGOS, Manuela D. 1995. Subsídios Para a História da Biblioteca Nacional. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1995.
- ESPANCA, Túlio. 1949. As Antigas Colecções de Pintura de Frei Manuel do Cenáculo e dos Extintos Conventos de Évora. A Cidade de Évora, nº 17-18, pp.
- ESPANCA, Túlio, 1956. Espólio Artístico de Cenáculo. A Cidade de Évora, nº 37-38, pp. 227-265.
- ESPANCA, Túlio. 1982. Subsídios Para a História da Biblioteca Pública de Évora. A Cidade de Évora, nº 57-58, pp. 193-251.

- FERRO, João Pedro. 1989. Um Príncipe Iluminado Português: D. José (1761-1788). Lisboa: Lucifer edições.
- FRANÇA, José-Augusto. 1987. Lisboa Pombalina e o Ilusionismo. 3ª ed. Lisboa: Bertrand.
- GUSMÃO, Armando Nobre de. 1944-1956. Catálogo da Correspondência dirigida a Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas. Évora: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. 6 vols.
- HUBNER, Emile. 1871. Noticias Arqueológicas de Portugal. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.
- JANEIRA, Ana Luísa. 2007. Curiosidades de Frei Manuel do Cenáculo. S.l.e.: Cat Books.
- JOKILEHTO, Jukka. 1999. A History of Architectural Conservation. Oxford: Butterwoth-Heinemann, ICCROM.
- MACHADO, José Alberto Simões Gomes. 1987. Um Coleccionador Português do Século das Luzes: D. Frei Manuel Villas-Boas, Arcebispo de Évora. Évora: Ciência e Vida.
- MARCADÉ, Jacques. 1978. Frei Manuel do Cenáculo, Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814). Paris: Centro Cultural Português.
- MISSIRINI, Melchior. 1823. Memorie per servire alla storia della Romana Accademia di S. Luca fino alla morte di Antonio Canova. Roma. Nella Stamperia de Romanis.
- MORATO, Francisco Manuel Trigoso de Aragão. 1815. Elogio Histórico do Excelentíssimo e Reverendíssimo D. Fr. Manoel do Cenáculo, Arcebispo d'Évora. História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo IV, Parte 1, pp. LXVII-CVIII.
- PEREIRA, Fernando António Baptista. 1995. Le rôle de l'Église dans la Formation des Premières Museés Au Portugal à la Fin du XVIIIe. Siècle. Les Musées en Europe à la Veille de l'Ouverture du Louvre. Paris: Klincksieck, pp. 461-483.
- PEREIRA, Gabriel. 1947. Biblioteca Pública. Estudos Eborenses. Évora: Livraria Nazareth. Vol. I, pp. 107-141.
- PEREIRA, José Esteves. 1983. O Pensamento Político em Portugal no Século XVIII – António Ribeiro dos Santos. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PROENÇA, Raul. 1922. Antecedentes e Origens da Biblioteca Nacional de Lisboa. Anais das Bibliotecas e Arquivos, Tomo 3, nº 11, pp. 154-165.
- RAMOS, Raul Cordeiro. 1936. Dom Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas. Porto: Livraria Martins Tavares.
- RIDLEY, Ronald. 1992. The Eagle and the Spade: Archeologia in Rome during the Napoleonic Era 1809-1814. Cambridge: Cambridge University Press.
- RODRIGUES, Paulo Simões. 2008. A Apologia da Cidade Antiga. A formação da identidade de Évora (sécs. XVI-XIX). Évora: Tese de doutoramento em História da Arte apresentada ao Departamento de História da Universidade de Évora.
- SIMÕES, Augusto Filippe. 1869. Relatório À Cerca da Renovação Do Museu Cenáculo. Évora: A Folha do Sul.
- TEIXEIRA, Madalena Braz. 2000. Primórdios da Investigação e da Actividade Museológica em Portugal. Madrid: Revista de Museologia.
- VAZ, Francisco. 2004. As Bibliotecas e os Livros na Obra de D. Frei Manuel do Cenáculo. La Memoria de los Libros. Estudios sobre la historia del escrito y de la lectura en Europa y América. Salamanca: Instituto de Historia del Libro y de la Lectura. Tomo II, pp. 483-498.
- VAZ, Francisco. 2009. Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- VITERBO, Francisco Marques de Sousa, 1904. Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 219-222 e 473-476.